



João Costa **Conhecimento de Sinais Não-Verbais, Inteligência Emocional e Empatia: Um estudo exploratório**

UMinho | 2020



Universidade do Minho  
Escola de Psicologia

João Abreu da Costa

**Conhecimento de Sinais Não-Verbais,  
Inteligência Emocional e Empatia: Um  
estudo exploratório**

junho de 2020





Universidade do Minho  
Escola de Psicologia

João Abreu da Costa

**Conhecimento de Sinais Não-Verbais,  
Inteligência Emocional e Empatia: Um  
estudo exploratório**

Dissertação de Mestrado  
Mestrado Integrado em Psicologia Aplicada

Trabalho efetuado sob a orientação da  
**Doutora Olga Cunha** e do  
**Professor Doutor Rui Abrunhosa Gonçalves**

## DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações

CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

João Abreu da Costa

(João Abreu da Costa)

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente à minha orientadora, a Doutora Olga Cunha, por todo o apoio, disponibilidade e paciência para as minhas questões triviais, e por todas as recomendações. Agradeço sentidamente por me ter acolhido e por ter sido um modelo vicariante na minha aprendizagem.

Seguidamente, agradeço ao Professor Doutor Rui Abrunhosa Gonçalves por todos ensinamentos ao longo destes anos e pelo auxílio em momentos de dúvida e reflexão e pelo sempre presente incentivo.

Ao meu grupo de investigação: principalmente ao Doutor Pedro Pechorro pelos conselhos e pela disponibilidade; à Lipa e ao Miguel pela constante entreaajuda nesta fase, tornando cada dia menos preocupante que o anterior; e aos restantes colegas pelo suporte.

Aos meus amigos por todo apoio, motivação e momentos de lazer que permitiram manter a minha sanidade mental neste processo.

Ao meu irmão, Bruno, por tudo! Pela paciência, disponibilidade e ajuda; que mesmo ocupado pelos seus projetos, sempre esteve lá para mim, nas minhas angústias, dúvidas, epifanias e para me acalmar nas questões existenciais referentes à dissertação.

À minha mãe e à minha avó, por toda as forças e alento na conclusão desta etapa da minha vida e, também, ao resto da minha família por todo o apoio.

À Laura por sempre me apoiar mesmo em momentos mais difíceis, estando sempre disponível para ouvir as minhas dúvidas e preocupações e tentar acalmar-me e ajudar-me a manter a positividade.

## DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

João Abreu da Costa

(João Abreu da Costa)

## Conhecimento de Sinais Não-Verbais, Inteligência Emocional e Empatia: Um estudo exploratório

### Resumo

A investigação sobre Sinais Não-Verbais (SNV) versa os mais diversos contextos. Contudo, os estudos focados no conhecimento dos SNV pelos indivíduos revelam-se escassos. Assim, o presente trabalho pretendeu aferir o *Test of Nonverbal Cue Knowledge* para a população portuguesa, avaliar o conhecimento de SNV de estudantes de Psicologia, de Criminologia e Justiça Criminal, e de Direito, a relação entre este conhecimento e os constructos de Empatia e de Inteligência Emocional e as diferenças entre os sexos no conhecimento destes sinais. Os dados foram recolhidos com recurso a diferentes medidas de autorrelato. A amostra foi constituída por 262 estudantes da Universidade do Minho, na qual 224 são do sexo feminino. Os resultados revelaram que os estudantes de Psicologia possuem um maior conhecimento de SNV, que existe uma relação entre este conhecimento e os construtos, e que não existem diferenças significativas entre os sexos no conhecimento de SNV. Face ao exposto, salienta-se a importância da abordagem desta temática nos planos curriculares dos citados cursos, por forma a aumentar o conhecimento dos estudantes em relação aos SNV. Tal é de particular importância visto que, nos contextos judiciais, inúmeras vezes os indivíduos tendem a manipular os profissionais envolvidos para a obter diversas vantagens.

*Palavras-chave:* Conhecimento de Sinais Não-Verbais, Empatia, Inteligência Emocional, Estudantes universitários

## Knowledge of Nonverbal Cues, Emotional Intelligence and Empathy: An exploratory study

### Abstract

Investigations about Nonverbal Cues (NVC) occur in the most diverse contexts. However, the research regarding the assessment of individuals' knowledge about Nonverbal Cues is limited. Thus, the present study aims to adapt the *Test of Nonverbal Cue Knowledge* to the Portuguese population, evaluate the knowledge of Nonverbal Cues of students of Psychology, Criminology and Criminal Justice, and Law, the relationship between this knowledge and the constructs of Empathy and Emotional Intelligence, as the differences between sexes in these cues' knowledge . The data were collected using a test and self-report measures. The present study's sample consists of 262 participants from University of Minho, of whom 224 are female. The results revealed that Psychology students have greater knowledge about Nonverbal Cues, that there is a relation between this knowledge with the aforementioned constructs, and there are no significant differences between sexes respecting the knowledge of Nonverbal Cues. Regarding the above, one should address this topic in the curricular plans of Psychology, Criminology and Criminal Justice, and Law, as way to increase students' knowledge of NVC. This is of particular importance given that in judicial practices individuals often try to manipulate the professionals involved in order to obtain advantages.

*Keywords:* Knowledge of Nonverbal Cues, Empathy, Emotional Intelligence, University students



## Índice

Conhecimento de Sinais Não-Verbais, Inteligência Emocional e Empatia: Um estudo exploratório .....	8
Método.....	13
Participantes.....	13
Instrumentos.....	14
Procedimentos.....	16
Análise de dados.....	16
Resultados .....	17
Discussão.....	23
Contributos e Limitações.....	26
Referências .....	28
Apêndice.....	32

## Índice de tabelas

Tabela 1 – Sexo, Nacionalidade e Ano do Curso, em função do Curso.....	14
Tabela 2 – Comparação das diferenças médias do TONCK entre os Cursos.....	19
Tabela 3 – Matriz de correlações de Pearson das principais variáveis.....	21
Tabela 4 – Coeficientes de regressão do TONCK.....	22

### **Conhecimento de Sinais Não-Verbais, Inteligência Emocional e Empatia: Um estudo exploratório**

A Psicologia é uma ciência que “estuda os padrões comportamentais, os pensamentos, as ideias, além das reações emocionais e físicas do ser humano” (Meier-Faust, 2002, p. 1). Os conceitos incluídos na definição referem-se às interações que os indivíduos estabelecem quotidianamente. Assim, a Psicologia teve e tem particular interesse em estudar os processos interrelacionais que muitas vezes ocorrem, se não sempre, através da comunicação.

Não existe uma definição consensual para o termo comunicação. Os vários investigadores apresentam diferentes definições como suporte ao seu estudo. No entanto, Beattie e Ellis (2017) apresentam uma definição que aborda os pontos fulcrais, explicando que existe comunicação quando “um organismo (o transmissor) codifica informação num sinal que passa para outro organismo (o recetor) que descodifica o sinal e é capaz de responder apropriadamente” (p. 3). Os mesmos autores indicam que podem ocorrer falhas nesta comunicação ao nível da codificação, da transmissão e da descodificação que podem distorcer o propósito e/ou o conteúdo da mensagem. As investigações têm corroborado que a comunicação pode ser dividida em comunicação verbal e comunicação não-verbal (Beattie & Ellis, 2017; Matsumoto et al., 2016; Sternberg & Kostić, 2020). Contudo, para o propósito desta dissertação, iremos focar-nos apenas na comunicação não-verbal.

### **Comunicação Não-Verbal (CMNV) e Comportamento Não-Verbal (CPNV)**

Givens (2020) indica que a CMNV antecipou a linguagem em três milhões de anos. Contudo, só há cerca de 50 anos é que a investigação sobre o tema começou a avultar. Um dos estudos que popularizou este constructo foi o de Albert Mehrabian, que afirmou que a CMNV corresponde a 93% da informação transmitida ao recetor da mensagem, sendo 38% sinais vocais e 55% sinais faciais (Gamble & Gamble, 2017). Posteriormente, Ray Birdwhistell considerou que a CMNV só representaria 65% a 70% da comunicação e os restantes 30% a 35% diriam respeito à comunicação verbal (Gamble & Gamble, 2017). Porém, qualquer que seja a percentagem que a CMNV ocupe, existem inúmeras provas indicando que os indivíduos se alicerçam mais na CMNV para se expressarem e para compreenderem a informação transmitida por outros (Burgoon et al., 2016).

Hall et al. (2019) referem que a CMNV condiciona todas as interações que realizamos no quotidiano e, por isso, as várias áreas do conhecimento (e.g. Psicologia, Sociologia, Antropologia, entre outras) procuraram estudar o modo como a CMNV se manifesta no seu respetivo contexto (Sternberg & Li, 2020). Estas investigações levaram a que diversos investigadores classificassem a CMNV com base

em diversos parâmetros, como aqueles que categorizaram a CMNV com base no corpo ou nas atividades deste (e.g. gestos, expressões faciais, olfato, adornos, etc.) e outros que adotaram uma interpretação mais abstrata do constructo, por exemplo, que a CMNV consiste na transmissão de Sinais Não-Verbais que indica sentimentos ou atitudes (Sternberg & Li, 2020). Hall et al. (2019) apresentam uma definição de CMNV que parece conjugar estas duas posturas, ao a definirem como o “comportamento da face, corpo ou voz sem o contexto linguístico, ou seja, tudo sem as palavras” (p. 272). Contudo, estes autores alertam que, para a compreensão da mensagem, é necessário que a CMNV e a comunicação verbal sejam consideradas em simultâneo.

No que diz respeito à investigação na área da Psicologia, esta começou por estudar a CMNV em diversos níveis (e.g., individual, na diade e nos grupos), em diversos tópicos (e.g., a revelação de atitudes, a regulação da interação, a mentira) e em diversos contextos (e.g., organizacional, educacional, clínica, social e forense; Gamble & Gamble, 2017; Hall & Knapp, 2013; Knapp et al., 2014).

Já o CPNV é muitas vezes utilizado como sinónimo da CMNV (American Psychological Association, 2015). Ainda que as definições utilizadas para ambos os conceitos permitam determinada equiparação, considera-se importante fazer a seguinte distinção: enquanto a CMNV consiste na transmissão de informação sem o contexto linguístico, o CPNV corresponde à “ação de diversos comportamentos que indicam uma atitude ou sentimento sem recurso à linguagem” (American Psychological Association, 2015, p. 715). Desse modo, este constructo corresponde a uma forma de operacionalizar e, consequentemente, de estudar a CMNV. Por sua vez, os Sinais Não-Verbais correspondem a características deste CPNV, a partir do qual, os indivíduos retiram conclusões (Hall et al., 2019). Assim sendo, optamos por cingir o presente estudo aos Sinais Não-Verbais, visto que um dos objetivos do mesmo é compreender o conhecimento existente sobre estes.

### ***Sinais Não-Verbais (SNV)***

Quando se estuda a CMNV, através do CPNV, um dos principais temas de investigação recai nos SNV. Estes podem ser definidos como as “características da aparência ou do comportamento não-verbal sobre as quais um recetor poderá responder ou tirar ilações” (Hall et al., 2019, p. 272). Paul Ekman foi um dos primeiros investigadores a estudar o efeito dos SNV na comunicação. A partir dos seus estudos, constatou-se que os SNV poderiam influenciar a comunicação verbal de seis formas: repetindo; contradizendo; complementando; substituindo; enfatizando; e/ou regulando o que estava a ser dito (Manusov, 2016). Com base nisto, a investigação transitou para a tentativa de identificar os SNV que podem modificar a mensagem verbal.

Sporer e Schwandt (2007) consideram que os SNV podem ser divididos em duas categorias abrangentes: sinais não-verbais visuais (e.g., expressões faciais, toque, olhar, movimento corporal, espaço, tempo e roupas e adornos; Gamble & Gamble, 2017); e sinais paraverbais (e.g., características vocais, como alteração do volume e do timbre, pausas, silêncios e hesitações; Gamble & Gamble, 2017). A percepção destes SNV e o seu significado dependem da mensagem que o emissor codificou, i.e., “a encenação, a expressão ou a transmissão de sinais não-verbais” (Hall et al., 2019, p. 274), podendo estes ser intencionais ou não; e do recetor que descodifica esta mensagem, i.e., “conclusões retiradas pelo recetor a partir do comportamento não-verbal ou aparência” (Hall et al., 2019, p. 274) que podem ser precisas ou não.

No que concerne às investigações, estas multiplicam-se versando os SNV nos mais diversos contextos e cenários, desde os significados destes sinais, se os indivíduos são capazes de os identificar, se auxiliam a detetar a mentira e quais são esses sinais, se é possível treinar indivíduos com o objetivo de serem aptos a decifrá-los, como é que estes sinais influenciam as interações na vida quotidiana, entre outros focos de análise. Contudo, sobre a avaliação do conhecimento dos indivíduos relativamente aos SNV as investigações são escassas, tal como os materiais que pretendem avaliar esse conhecimento. Riggio e Riggio (2001) realizaram a primeira tentativa de avaliar o conhecimento através da utilização de medidas de autorrelato, contudo, essas demonstraram-se pouco fiáveis para confirmar a precisão da descodificação do CPNV. Assim, Rosip e Hall (2004), de forma a colmatar a falta de instrumentos para esta avaliação, criaram o *Test of Nonverbal Cue Knowledge* (TONCK). As autoras realizaram quatro estudos para aferir e validar o teste numa amostra de estudantes universitários. Os resultados destas investigações demonstraram que a percentagem de acertos por parte dos indivíduos varia entre 69% a 74%, podendo revelar que, apesar dos indivíduos não reconhecerem o quanto sabem sobre SNV, muitos deles demonstram possuir um grande conhecimento (Rosip & Hall, 2004). Estes estudos também evidenciaram que o conhecimento sobre os SNV é um preditor da precisão da descodificação não-verbal, ou seja, indivíduos com maior conhecimento de SNV descodificarão mensagens não-verbais de forma mais precisa. Além disso, também revelaram que as mulheres possuem um maior conhecimento sobre os SNV do que os homens, resultados corroborados por outros estudos que indicam que os indivíduos do sexo feminino tendem a obter pontuações mais altas nos testes que avaliam a capacidade de descodificar os SNV, em que estas “não só descodificam de forma mais eficiente, mas também codificam de forma mais eficiente sinais não-verbais do foro emocional” (Fernández-Abascal & Martín-Díaz, 2019, p. 17). Em Portugal, tanto quanto é do nosso conhecimento, não existem estudos que permitam aferir os conhecimentos relativos aos SNV, sendo esse um dos objetivos desta investigação.

## **Inteligência Emocional (IE)**

“Os investigadores referem-se à Inteligência Emocional como um conjunto de habilidades ou percepções relativas à forma como os indivíduos identificam, utilizam, lidam e processam emoções” (Andrei et al., 2015, p. 261). Mayer e Salovey, em 1990, foram os primeiros a apresentar um modelo para a IE indicando que esta abrange quatro competências: 1) reconhecimento emocional, que consiste na capacidade de reconhecer as próprias emoções; 2) compreensão emocional, que se refere à competência de compreender as suas emoções e a dos outros; 3) motivação emocional, que representa a aptidão de aceder e produzir sentimentos de modo a auxiliar no cumprimento de atividades cognitivas; e 4) gestão emocional, que caracteriza a capacidade de regular experiências e expressões emocionais (Burgoon et al., 2016; Rego & Fernandes, 2005).

O estudo da IE é executado de duas formas: como uma habilidade ou como um traço, criando assim dois modelos teóricos. Os modelos de competências a consideram como uma habilidade mental (e.g. modelo de Mayer e Salovey) ao referir que “existem habilidades mentais que processam informação emocional” (Fernández-Abascal & Martín-Díaz, 2019, p. 2); já os modelos de traços a retratam como uma mistura de características de personalidade com habilidades da IE (e.g. modelo de Goleman e Bar-On; Fernández-Abascal & Martín-Díaz, 2019). Apesar de existirem discordâncias quanto ao modelo ideal para estudar a IE, os investigadores concordam que ambos os modelos englobam “as maneiras pelas quais as pessoas diferem nas suas capacidades emocionais, tanto a nível intrapessoal (alterações de humor, gestão do stress, e compreender as suas emoções) como interpessoal (competências sociais, compreensão das emoções dos outros)” (Austin et al., 2007, p. 685).

As investigações que procuram analisar a relação entre o conhecimento de SNV e a IE são praticamente inexistentes. Existem, no entanto, diversos estudos que procuraram investigar a relação entre a IE e a capacidade de descodificar SNV. A capacidade de descodificar SNV refere-se às “inferências por parte do recetor sobre os comportamentos não-verbais ou aparências codificadas pelo transmissor” (Hall et al., 2019, p. 274). Aptidão que demonstrou ser fortemente predita pelo conhecimento de SNV, podendo indicar que um indivíduo com um maior conhecimento desses sinais mais facilmente os conseguirá descodificar, independentemente dessa descodificação estar correta ou errada, no entanto, as relações sociais serão sempre afetadas. (Hall et al., 2019; Rosip & Hall, 2004). Estudos, como o de Jacob et al. (2013), confirmam uma relação entre a IE e a capacidade de descodificar os SNV; outros, como o de Davis et al. (2020) negam essa relação; e ainda outros estudos afirmam que só algumas dimensões da IE é que predizem a capacidade de descodificar SNV, como o de Fernández-Abascal e

Martín-Díaz (2019). Não obstante, existem autores que afirmam que a “capacidade para compreender e usar esses sinais é um instrumento poderoso para expressar os nossos sentimentos, gerir impressões, influenciar outros e formar e definir relações” (Kidwell & Hasford, 2014, p. 526). Ademais, estudos sobre a IE que se debruçam sobre as diferenças de idade e género (e.g. Cabello et al., 2016) e meta-análises que envolvem a IE (e.g. Joseph & Newman, 2010) têm aludido que os indivíduos do sexo feminino tendem a pontuar mais neste constructo.

## **Empatia**

A Empatia pode ser definida como “a compreensão e partilha do estado emocional de outra pessoa” (Pechorro et al., 2018, p. 158). Esta capacidade de compreensão e partilha do estado emocional deriva da empatia “capacitar o indivíduo para perceber e responder aos sinais verbais e não-verbais emitidos por outros” (Lorié et al., 2017, p. 4). A literatura tem reportado que a empatia pode ser dividida em duas dimensões: Empatia Afetiva e Empatia Cognitiva. A primeira é retratada como a “capacidade de sentir o que outro indivíduo está a sentir”, enquanto a última é caracterizada pela “capacidade de inferir os pensamentos, intenções e sentimentos de outra pessoa” (Olderbak & Wilhelm, 2017, p. 1093).

A investigação deste constructo, associado ao CPNV, tem transitado para a tentativa de perceber se os indivíduos têm capacidades de inferir pensamentos, sentimentos e características da personalidade de outros a partir de uma variedade de sinais verbais e não-verbais (Losoya & Eisenberg, 2001). Ickes (2016) constatou que os indivíduos focam-se mais no conteúdo verbal (i.e., nas palavras), depois no conteúdo paraverbal (i.e., no volume e no timbre da voz) e, por último, nos SNV visíveis (i.e., no movimento do corpo e na inclinação do tronco). Contudo, apesar de os indivíduos se focarem menos nos SNV para a compreensão e partilha do estado emocional, são várias as investigações que enfatizam a importância da vertente não-verbal como, por exemplo, no contexto clínico, para promover uma maior satisfação dos pacientes e, também, resultados mais positivos nos tratamentos (Lorié et al., 2017).

Já as investigações sobre o conhecimento de SNV e Empatia são escassas. Contudo, a literatura tem reportado que a sensibilidade não-verbal, i.e. “a habilidade dos indivíduos lerem e descodificarem sinais não-verbais nos outros e, mais importante, a capacidade para interpretar corretamente o significado desses sinais” (Riggio & Darioly, 2016, p. 589), contribui para uma melhor compreensão da Empatia e também da IE, permitindo aos indivíduos serem capazes de observar e compreender as emoções dos outros (Fernández-Abascal & Martín-Díaz, 2019). Com isto, podemos deduzir que se os indivíduos tiverem uma maior empatia, terão uma maior capacidade de descodificar os SNV. Contudo, a maior capacidade de descodificar os SNV poderá não revelar um maior conhecimento destes. Não

obstante, inúmeras investigações demonstram, igualmente, que os indivíduos do sexo feminino tendem a pontuar mais nesta dimensão (Hojat, 2016).

### **Objetivos do estudo**

Face ao anteriormente exposto, a presente investigação tem como objetivos: (1) a tradução e validação do *Test of Nonverbal Cue Knowledge* para a população portuguesa; (2) a aferição do conhecimento de Sinais Não-Verbais dos estudantes universitários de áreas que, futuramente, poderão ter contacto com contextos judiciais, como Psicologia, Criminologia e Justiça Criminal, e Direito; (3) perceber se o conhecimento de Sinais Não-Verbais relaciona-se com os constructo de Inteligência Emocional e Empatia; e (4) verificar se existem diferenças entre os estudantes do sexo masculino e do sexo feminino no que se refere ao conhecimento de Sinais Não-Verbais.

Atendendo que este é um estudo exploratório, optou-se pela formulação de questões de investigação ao invés de hipóteses de trabalho pois há pouca literatura existente que possa corroborar possíveis suposições dos resultados. Assim, com base nos objetivos descritos e na revisão da literatura, foram formuladas quatro questões de investigação: (1) O TONCK adequa-se à população portuguesa?; (2) Os estudantes de Psicologia, de Criminologia e Justiça Criminal, e de Direito possuem um conhecimento diferenciado de Sinais Não-Verbais?; (3) Existirá uma relação entre o conhecimento de Sinais Não-Verbais e a Inteligência Emocional e a Empatia?; e (4) Haverá diferenças ao nível do conhecimento de Sinais Não-Verbais entre os estudantes do sexo feminino e do sexo masculino?

### **Método**

#### **Participantes**

A amostra é constituída por 262 estudantes universitários, 224 (85.5%) do sexo feminino e 38 (14.5%) do sexo masculino, da Universidade do Minho, escolhidos segundo um processo de amostragem não-probabilística por conveniência. Relativamente ao curso que frequentam, 94 (35.9%) cursam Direito, 88 (33.6%) Criminologia e Justiça Criminal e 80 (30.5%) Psicologia. A idade dos participantes varia entre os 18 e os 60 anos ( $M = 22.27$ ;  $DP = .40$ ). A maioria são de nacionalidade “Portuguesa” (84.7%), seguido a nacionalidade “Brasileira” (13.4%) e, por fim, os de “Outra nacionalidade” (1.9%). Na Tabela 1 apresenta-se a distribuição dos participantes por curso, sexo, nacionalidade e ano de inscrição no curso.

Tabela 1. Sexo, Nacionalidade e Ano do Curso, em função do Curso

	Curso			
	Criminologia e			Total
	Psicologia	Justiça Criminal	Direito	
	<i>n</i> (%)	<i>n</i> (%)	<i>n</i> (%)	<i>n</i> (%)
<b>Sexo</b>				
Feminino	72 (27.5%)	76 (29.0%)	76 (29.9%)	224 (85.5%)
Masculino	8 (3.1%)	12 (4.6%)	18 (6.9%)	38 (14.5%)
Total	80 (30.5%)	88 (33.6%)	94 (35.9%)	262 (100%)
<b>Nacionalidade</b>				
Portuguesa	70 (26.7%)	80 (30.5%)	72 (27.5%)	222 (84.7%)
Brasileira	10 (3.8%)	8 (3.1%)	17(6.5%)	35 (13.4%)
Outra	0 (0.0%)	0 (0.0%)	5 (1.9%)	5 (1.9%)
Total	80 (30.5%)	88 (33.6%)	94 (35.9%)	262 (100%)
<b>Ano do Curso</b>				
1º Ano	0 (0.0%)	37 (14.3%)	21 (8.1%)	58 (22.4%)
2º Ano	0 (0.0%)	39 (15.1%)	2 (0.8%)	41 (15.8%)
3º Ano	0 (0.0%)	12 (4.6%)	40 (15.4%)	52 (20.1%)
4º Ano	79 (30.5%)	0 (0.0%)	9 (3.5%)	88 (34.0%)
5º Ano	1 (0.4%)	0 (0.0%)	19 (7.3%)	20 (7.7%)
Total	80 (30.9%)	88 (34.0%)	91 (35.1%)	259 (100%)

Nota. *n* = número de participantes.

### Instrumentos

**Questionário Sociodemográfico.** Foi construído especificamente para efeitos do presente estudo e teve como objetivo a recolha de informações referentes ao sexo, idade, nacionalidade, curso e ano escolar que frequenta.

**Teste de Conhecimento de Sinais Não-verbais** (TONCK; Rosip & Hall, 2004). É um teste que avalia o conhecimento explícito sobre o significado de Sinais Não-Verbais e as suas utilizações. O instrumento é composto por 81 itens que possuem um conteúdo diversificado a respeito dos significados dos Sinais Não-Verbais, a sua utilização e o conhecimento de estereótipos sobre os mesmos (e.g., “O olhar pode expressar emoção”). A versão original do instrumento possui um padrão de resposta



dicotômico (i.e., Sim/Não). Neste teste as pontuações mais elevadas indicam um maior conhecimento de sinais-não verbais. O estudo realizado por Rosip e Hall (2004) demonstrou que o TONCK exibe uma boa consistência interna, apresentando um alfa de Cronbach de .72.

**Escala de Empatia Básica versão breve adaptada** (BES-A; Salas-Wright et al., 2013; aferida para a população portuguesa por Pechorro et al., 2018). É uma medida de autorrelato constituída por sete itens que pretende avaliar duas dimensões da Empatia: *Empatia Afetiva* e *Empatia Cognitiva*. São exemplos de questões inseridas neste instrumento: “Sou facilmente influenciado pelos sentimentos das outras pessoas” (BES-A Afetiva) e “Geralmente costumo perceber quando as pessoas estão contentes” (BES-A Cognitiva). Os itens são cotados numa escala do tipo Likert de 5 pontos de *Discordo totalmente* a *Concordo totalmente*, em que pontuações mais altas revelam maiores níveis de empatia. No que se refere à consistência interna, o alfa de Cronbach é de .76 na escala total no artigo original (Salas-Wright et al., 2012). Na adaptação portuguesa o alfa de Cronbach é de .79 para a amostra masculina e .77 para a amostra feminina para escala total; de .79 para a amostra masculina e .75 para a amostra feminina na subescala Empatia Afetiva; e de .84 e .84 para a amostra masculina e feminina respetivamente na subescala Empatia Cognitiva (Pechorro et al., 2018). Na presente amostra, o instrumento apresentou um alfa de Cronbach de .75 para a escala total; de .78 para a subescala Empatia Afetiva; e de .77 para a subescala Empatia Cognitiva.

**Escala de Respostas Socialmente Desejáveis – 5** (SDRS-5; Hays et al., 1989; aferida para a população portuguesa por Pechorro, Nunes, et al., 2018). É uma medida de autorrelato que avalia a desejabilidade social. O instrumento é constituído por cinco itens que são cotados numa escala do tipo Likert de 5 pontos de *Totalmente verdadeiro* a *Totalmente falso*. A título de exemplo, uma das questões inseridas neste instrumento é “Sou sempre simpático, mesmo com pessoas que são mal-educadas”. Pontuações elevadas nesta escala indicam níveis de desejabilidade social mais altos. Quanto ao nível de consistência interna, o alfa de Cronbach é de .66 a .68 no instrumento original (Hays et al., 1989) e de .71 e .72 na adaptação portuguesa para a amostra masculina e feminina, respetivamente (Pechorro et al., 2016). Na presente amostra, o instrumento apresentou um alfa de .54 para a escala total.

**Escala da Inteligência Emocional** (IE; Rego & Fernandes, 2005). É um instrumento de autorrelato que pretende medir a IE. Este possui 23 itens organizados numa escala de tipo Likert de 7 pontos de *Não se aplica rigorosamente nada a mim* até *Aplica-se completamente a mim*. A escala avalia seis fatores da IE: (1) *Autocontrolo perante as críticas* (e.g., “É difícil para mim aceitar uma crítica”); (2) *Empatia* (e.g., “Sinto-me bem quando um amigo meu recebe um elogio”); (3) *Compreensão das emoções próprias*

(e.g., “Sei bem o que sinto”); (4) *Auto-encorajamento* (e.g., “Normalmente, encorajo-me a mim próprio para dar o meu melhor”); (5) *Compreensão das emoções dos outros* (e.g., “Procuro compreender os sentimentos da pessoa que estou a ouvir”); e (6) *Autocontrolo emocional* (e.g., “Reajo com calma quando estou sob tensão”). Rego e Fernandes (2005) afirmam que pontuações mais elevadas indicam indivíduos emocionalmente mais inteligentes e salientam as boas propriedades psicométricas da escala, em que os alfa de Cronbach variam entre .67 (Compreensão das emoções dos outros) e .82 (Compreensão das emoções próprias). Na presente amostra, o instrumento apresentou um alfa de Cronbach de .78 (Autocontrolo perante as críticas), .72 (Empatia), .88 (Compreensão das emoções próprias), .77 (Auto-encorajamento), .75 (Compreensão das emoções dos outros), .72 (Autocontrolo emocional) e de .83 para a escala total.

### **Procedimentos**

Primeiramente, solicitou-se autorização aos autores da escala “Test of Nonverbal Cue Knowledge” (Rosip & Hall, 2004) para a sua tradução, adaptação e utilização. De igual modo, foi pedida a autorização aos autores das restantes escalas para a sua utilização. De seguida, foi feita a tradução da versão original do TONCK, adaptando o contexto dos itens à realidade portuguesa e, depois, foi realizada uma retroversão dos mesmos para o idioma original com o intuito de perceber se os itens traduzidos continuariam a ter o mesmo significado que na versão original. Seguidamente, foram contactados docentes dos vários anos dos cursos de Psicologia, de Criminologia e Justiça Criminal, e de Direito com vista a proceder-se à administração dos questionários. Por fim, com a confirmação dessa possibilidade, o investigador principal dirigiu-se às salas de aula pedindo a colaboração dos alunos presentes para o preenchimento dos questionários, explicitando o objetivo do estudo e a finalidade dos dados recolhidos.

O projeto de investigação foi previamente submetido à Subcomissão de Ética para Investigação em Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Minho com o objetivo de certificar que a mesma seguiria os padrões éticos, com o intuito de proteger e garantir a integridade, a dignidade, a honestidade e a qualidade ética nas atividades de investigação.

### **Análise de Dados**

Os dados recolhidos foram analisados com recurso ao *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS – versão 25.0). Primeiramente, através de estatísticas descritivas caracterizou-se a amostra a nível sociodemográfico. De seguida, testou-se a normalidade da amostra verificando que esta não apresentava uma distribuição normal conforme o teste de Kolmogorov-Smirnov. No entanto, segundo

Kline (2016), os testes paramétricos podem ser realizados em amostras não normais se a assimetria e a curtose exibirem valores inferiores a 3 e a 10, respetivamente. Com isto em mente, para a validação do TONCK efetuou-se uma análise dos Componentes Principais (PCA) e uma análise Fatorial Exploratória (EFA), o cálculo da consistência interna, através do alfa Cronbach, e uma correlação Ponto-Bisserial com a variável sexo. Realizaram-se ainda outras análises recorrendo a correlações de Pearson e correlações Ponto-Bisserial para explorar a relação entre as variáveis e regressões lineares hierárquicas para aferir as variáveis que permitem prever o conhecimento de SNV. Também se realizaram testes *t* para amostras independentes e análises de variância (ANOVA) para a comparação dos grupos (i.e., cursos e sexos) nas diversas variáveis.

O coeficiente de correlação de Pearson (*r*) foi utilizado para analisar a associação entre as variáveis. Deste modo, consideramos como efeito pequeno, inferior a .20; efeito médio, entre .20 a .50; e efeito grande, superior a .50 (Marôco, 2018). O *d* de Cohen e o *eta squared* ( $\eta^2$ ) foram utilizados para analisar a dimensão do efeito das diferenças entre os grupos. Assim, para o *d* avaliamos como efeito pequeno, inferior a .50; como efeito médio, entre .50 e .80; e como efeito grande, superior a .80; e para o  $\eta^2$ , como efeito pequeno, inferior a .06; como efeito médio, entre .06 e .138; e como efeito grande, superior a .138 (Field, 2018; Pallant, 2016).

## **Resultados**

### **Adaptação e aferição do Test of Nonverbal Cue Knowledge**

Como supramencionado, um dos objetivos do presente estudo consiste na adaptação e aferição do TONCK para a população portuguesa. Deste modo, a partir da amostra total, apenas foram considerados, para esta validação, os indivíduos de nacionalidade “Portuguesa”. Assim, a presente amostra é constituída por 222 participantes, 193 (86.9%) do sexo feminino e 29 (13.1%) do sexo masculino. A idade varia entre os 18 e os 60 anos ( $M = 21.59$ ;  $DP = 5.63$ ). Relativamente aos cursos, 80 (36.0%) cursam Criminologia e Justiça Criminal, 72 alunos (32.4%) são de Direito e 70 dos participantes (31.5%) são de Psicologia, frequentando entre o primeiro ano da Licenciatura e o último ano de Mestrado.

Para a aferição do instrumento para o contexto português, adotaram-se os mesmos procedimentos do estudo original. A análise inicial revelou um alfa de Cronbach de .69. Contudo, de forma a promover a consistência interna do instrumento, foram removidos cinco itens da escala por apresentarem uma correlação item-total negativa (i.e., os itens 26, 32, 59, 65 e 76), reduzindo a

dimensão desta para 76 itens o que impulsionou o alfa de Cronbach para .70. À semelhança de Rosip e Hall (2004), realizou-se uma análise PCA. Todavia, esta análise não produziu uma estrutura fatorial interpretável, tal como verificado pelas autoras do estudo original. Posteriormente, optou por realizar-se uma análise EFA com rotação *Varimax*, cujos resultados se mostraram idênticos aos da análise PCA. De facto, procedeu-se a uma organização teórica dos itens em fatores com base na literatura existente (i.e., Burgoon et al., 2010; Gamble & Gamble, 2017; Knapp et al., 2014; Matsumoto et al., 2016), mas os resultados obtidos aquando da realização da PCA e da EFA não se assemelhavam à estrutura teórica.

Deste modo, assumindo a versão final da escala constituída por 76 itens, a amostra portuguesa revelou uma percentagem de acertos de 73% ( $M = 55.84$  em 76,  $DP = 5.71$ ), em que o número de resposta corretas variou entre 34 e 68, indicando que os estudantes universitários portugueses apresentam um elevado conhecimento de SNV. Também, devido às hipóteses de resposta (i.e., Sim/Não), foi realizado um teste  $t$  para calcular a probabilidade de respostas certas devido ao acaso (em que 40.5% podem corresponder a acertos aleatórios), indicando que a amostra portuguesa obteve um valor significativamente superior ao de resposta devido ao acaso,  $t(221) = 40.00$ ,  $p < .001$ . Tal como no estudo original, realizou-se uma correlação Ponto-Bisserial para verificar a possível existência de uma relação entre o TONCK e o sexo, mas esta não se verificou,  $r = -.01$ ,  $p = .87$ . Contudo, os elementos do sexo masculino obtiveram pontuações mais elevadas ( $M = 56.00$ ,  $DP = 6.40$ ; variou entre 43 e 68) do que os do sexo feminino ( $M = 55.81$ ,  $DP = 5.62$ ; variou entre 34 e 68).

### **Conhecimento de Sinais Não-Verbais**

Para as análises que se seguem, utilizou-se a amostra total (i.e.,  $n = 262$ ). Assim, no que se refere ao conhecimento de SNV, medido pelo TONCK, a percentagem média de acertos foi de 74% ( $M = 55.97$  em 76;  $DP = 5.66$ ), sendo que o número de respostas corretas situou-se entre 34 e 68, demonstrando que a amostra apresenta um elevado conhecimento de SNV. Além disso, foi realizado um teste  $t$  para calcular a probabilidade de respostas certas devido ao acaso, tendo-se verificado que o conhecimento médio foi significativamente superior ao acaso,  $t(261) = 44.28$ ,  $p < .001$ .

Relativamente à variável sexo, os resultados do teste  $t$  para amostras independentes não revelaram diferenças estatisticamente significativas no conhecimento dos SNV entre os sexos,  $t(260) = -.56$ ,  $p = .58$ , 95% IC: [-2.51 a 1.40]. Ainda assim, o sexo feminino ( $M = 56.05$ ,  $DP = 5.51$ ; variou entre 34 e 68) obteve uma pontuação superior à do sexo masculino ( $M = 55.50$ ,  $DP = 6.54$ ; variou entre 41 e 68).

No que diz respeito à variável curso, os resultados da ANOVA unifatorial revelaram a existência de diferenças estatisticamente significativas no conhecimento de SNV entre os cursos,  $F(2, 259) = 12.76, p < .001$ , com um tamanho de efeito médio ( $\eta^2 = .09$ ). O teste Post-hoc de Bonferroni demonstrou que apenas foram observadas diferenças estatisticamente significativas entre as pontuações médias dos estudantes de Psicologia e os Criminologia e Justiça Criminal ( $p < .01$ ) e estudantes de Direito ( $p < .001$ ), sendo os estudantes de Psicologia aqueles que evidenciam pontuações mais elevadas. Não foram observadas diferenças entre os cursos de Criminologia e Justiça Criminal e Direito ( $p = .08$ ; cf. Tabela 2).

Ademais, decidiu explorar-se se a interação entre o curso e o sexo poderia ter impacto na pontuação final do conhecimento de SNV. Assim, através de uma ANOVA *two-way*, verificou-se que o efeito de interação entre estas duas variáveis não impacta o resultado final do TONCK,  $F(2, 256) = .79, p = .46$ .

Tabela 2. Comparação das diferenças médias do TONCK entre os Cursos

Escala	Psicologia ( $n = 80$ )		Criminologia e Justiça Criminal ( $n = 88$ )		Direito ( $n = 91$ )	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
TONCK	58.28	4.87	55.86	5.63	54.12	6.18

Nota.  $n$  = número de participantes por curso.

### Relação entre o Conhecimento de Sinais Não-Verbais, Inteligência Emocional e Empatia

No que concerne à IE, a amostra apresentou uma pontuação elevada neste constructo ( $M = 5.02, DP = .59$ ), sugerindo a presença de sujeitos emocionalmente inteligentes. Os valores obtidos, na dimensão Compreensão das emoções próprias ( $M = 4.78, DP = 1.13$ ), na dimensão Autocontrolo perante as críticas ( $M = 4.89, DP = .97$ ), na dimensão Auto-Encorajamento ( $M = 5.54, DP = .99$ ), na dimensão Autocontrolo emocional ( $M = 4.11, DP = 1.14$ ), na dimensão Empatia ( $M = 5.36, DP = .90$ ) e na dimensão Compreensão das emoções dos outros ( $M = 5.63, DP = .82$ ), indicam que os sujeitos pontuaram de forma elevada, se considerando como capazes nas referidas dimensões.

Relativamente ao constructo da Empatia, medido pela BES-A, os participantes reportaram elevados níveis de Empatia no geral ( $M = 3.69, DP = .53$ ). Além disso, também demonstraram uma pontuação elevada na dimensão Cognitiva ( $M = 4.01, DP = .53$ ) e uma pontuação elevada na dimensão

## *CONHECIMENTO DE SINAIS NÃO-VERBAIS, INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E EMPATIA*

Afetiva ( $M = 3.27$ ,  $DP = .85$ ), revelando que os indivíduos acreditam possuir uma grande capacidade de inferir os pensamentos, sentimentos e intenções das outras pessoas como, também, serem capazes de sentir o que o outro possa estar a sentir.

No que se refere à relação entre estas três variáveis, a Tabela 3 apresenta a matriz das correlações de Pearson dos instrumentos utilizados e as suas respectivas dimensões.

Quanto à relação entre o conhecimento de SNV e a IE, os resultados demonstraram que o TONCK apenas se relaciona significativamente com a dimensão Compreensão das emoções dos outros,  $r = .20$ ,  $p < .01$ , 95% IC: [.08 a .31], com um tamanho de efeito médio. Neste sentido, indivíduos com um maior conhecimento de SNV evidenciam uma maior capacidade de compreender as emoções dos outros. Quando controlada a desejabilidade social, medida pela SDRS-5, os resultados mostraram que a desejabilidade social teve pouco efeito na magnitude desta relação,  $r = .23$  (TONCK e Compreensão das emoções dos outros).

Analisada a relação entre o conhecimento de SNV e a Empatia, os resultados demonstraram que o TONCK se relaciona significativamente com a Empatia,  $r = .24$ ,  $p < .001$ , 95% IC: [.12 a .35], e com a Empatia Cognitiva,  $r = .36$ ,  $p < .001$ , 95% IC: [.25 a .46], demonstrando um tamanho de efeito médio. Assim, indivíduos com um maior conhecimento de SNV evidenciam maiores níveis de empatia e uma maior capacidade de inferir os pensamentos, intenções e sentimentos dos outros. Foram ainda realizadas correlações parciais entre as mesmas variáveis, controlando o efeito da desejabilidade social, tendo as análises revelado que a desejabilidade social teve pouco efeito na magnitude destas variáveis,  $r = .24$  (TONCK e BES-A) e  $r = .36$  (TONCK e BES-A Cognitiva).

CONHECIMENTO DE SINAIS NÃO-VERBAIS, INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E EMPATIA

Tabela 3. Matriz de correlações de Pearson das principais variáveis

Escala	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1. TONCK	1										
2. BES-A	.24***	1									
3. BES-A Afetiva	.05	.83***	1								
4. BES-A Cognitiva	.36***	.74***	.25***	1							
5. IE	.08	.08	-.10	.25***	1						
6. IE Compreensão das emoções próprias	.01	-.07	-.16**	.07	.69***	1					
7. IE Autocontrolo perante as críticas	-.02	-.07	-.17**	.08	.57***	.07	1				
8. IE Auto-encorajamento	.11	.03	-.11	.20**	.56***	.35***	.05	1			
9. IE Autocontrolo emocional	.07	-.15*	-.22***	-.003	.61***	.45***	.22***	.23***	1		
10. IE Empatia	-.01	.39***	.34***	.26***	.49***	.15*	.10	.21**	.04	1	
11. IE Compreensão das emoções dos outros	.20**	.40***	.18**	.48***	.65***	.29***	.26***	.35***	.14*	.58***	1

Nota. TONCK = Test of Nonverbal Cue Knowledge, BES-A = Escala de Empatia Básica, IE = Escala da Inteligência Emocional.

\* $p < .05$ . \*\* $p < .01$ . \*\*\* $p < .001$ .

### Preditores do Conhecimento de Sinais Não-Verbais

Adicionalmente, efetuou-se uma regressão linear hierárquica para averiguar quais as variáveis (i.e., Empatia Cognitiva e Compreensão das Emoções dos Outros) que melhor predizem o conhecimento de Sinais Não-Verbais, após o controlo do curso (i.e. Psicologia, Criminologia e Justiça Criminal, e Direito). A análise revelou que no Bloco 1 o total de variância explicada pelo modelo era de 8%. Contudo, com a introdução da Empatia Cognitiva e da Compreensão das emoções dos outros no Bloco 2, o total de variância explicada pelo modelo 1 foi de 19%,  $F(4, 257) = 16.36, p < .001$ . Destas variáveis, apenas a Empatia Cognitiva e o curso de Psicologia apresentaram uma contribuição estatisticamente significativa, revelando que os estudantes de Psicologia que possuem uma Empatia Cognitiva são aqueles que evidenciam um maior conhecimento de SNV. Realizou-se ainda uma segunda regressão linear hierárquica para avaliar a capacidade da Empatia predizer o conhecimento de SNV, também após o controlo do curso. O total da variância explicada pelo Bloco 1 foi de 8%, mas, aquando da introdução da BES-A no Bloco 2, o total da variância explicada pelo modelo foi de 14%,  $F(3, 258) = 15.372, p < .001$ , no qual a Empatia, o curso de Psicologia e o curso de Direito apresentam uma contribuição estatisticamente significativa. Neste caso, indivíduos com elevada Empatia e que frequentam o curso de Psicologia, mas não o de Direito, são os que apresentam um maior conhecimento de SNV (cf. Tabela 4).

Tabela 4. *Coefficientes de regressão do TONCK*

Modelo	Bloco	Variáveis	$\beta$	$t$	$p$	$R^2$	$\Delta R^2$	
1	1	Psicologia	.20	2.88	.004	.08	.09	
		Direito	-.15	-2.17	.03	.08	.09	
	2	Psicologia	.21	3.22	.001	.19	.11	
		Direito	-.10	-1.55	.12	.19	.11	
2	2	BES-A Cognitiva	.32	4.98	.000	.19	.11	
		Compreensão das emoções dos outros	.04	.65	.52	.19	.11	
		1	Psicologia	.20	2.88	.004	.08	.09
			Direito	-.15	-2.17	.03	.08	.09
	2	Psicologia	.21	3.24	.001	.14	.06	
		Direito	-.14	-2.04	.04	.14	.06	
		BES-A	.25	4.34	.000	.14	.06	



### Discussão

O presente estudo tem como objetivos traduzir e validar o *Test of Nonverbal Cue Knowledge*, avaliar o conhecimento dos Sinais Não-Verbais dos estudantes universitários inscritos nos cursos de Psicologia, de Criminologia e Justiça Criminal, e de Direito, aferir se o conhecimento de Sinais Não-Verbais se relaciona com a Inteligência Emocional e a Empatia, e, por último, avaliar a eventual existência de diferenças entre os sexos no conhecimento dos Sinais Não-Verbais. Considerando as questões de investigação que foram formuladas, os resultados evidenciaram que relativamente à questão 1 – O TONCK adequa-se à população portuguesa? –, o teste apresentou uma consistência interna adequada, com um alfa de Cronbach de .70. Além disso, os resultados obtidos na amostra portuguesa demonstraram que os participantes possuem um elevado conhecimento de SNV. No que concerne à questão 2 – Os estudantes de Psicologia, de Criminologia e Justiça Criminal, e de Direito possuem um conhecimento diferenciado de Sinais Não-Verbais? –, existem diferenças significativas ao nível do conhecimento dos SNV entre os cursos, demonstrando-se que os alunos de Psicologia pontuam de forma superior aos outros cursos. No que se refere à questão 3 – Existirá uma relação do conhecimento de Sinais Não-Verbais com a Inteligência Emocional e a Empatia? –, as análises permitiram concluir que o conhecimento de SNV correlaciona-se positivamente com a Empatia, com a dimensão Empatia Cognitiva e com a dimensão Compreensão das emoções dos outros. Por fim, no que diz respeito à questão 4 – Haverá diferenças nas pontuações, relativas aos conhecimentos dos Sinais Não-Verbais, dos estudantes do sexo feminino e do sexo masculino? –, os resultados permitem concluir que não existiram diferenças entre os sexos ao nível do conhecimento de SNV.

No que concerne à primeira questão de investigação, o TONCK é um instrumento que foi desenvolvido para avaliar o “conhecimento explícito sobre os sinais não-verbais” (Rosip & Hall, 2004, p. 277). Tal como no estudo original, o teste revelou que os estudantes universitários portugueses demonstram um conhecimento elevado de SNV, apresentado boas características psicométricas. Segundo Rosip e Hall (2004), apesar do TONCK não parecer ser um instrumento capaz de substituir testes audiovisuais que visam avaliar a capacidade de descodificação de SNV (e.g., *The Profile of Nonverbal Sensitivity*), este mostra-se capaz de prever os resultados obtidos nesses instrumentos. Contudo, uma vez que, tanto quanto é do nosso conhecimento, não existem instrumentos audiovisuais que visam aferir a capacidade de descodificação dos SNV validados para a população portuguesa, na presente amostra não foi possível avaliar essa dimensão. Tendo em conta os resultados obtidos, podemos inferir, analogamente, que os participantes serão capazes de descodificar mensagens não-verbais de forma relativamente precisa. Sendo o TONCK um dos primeiros aferidos para o contexto português com vista

a avaliar o conhecimento de SNV, este instrumento poderá servir como ferramenta de auxílio em diversos contextos, como por exemplo na seleção e recrutamento de indivíduos ou na avaliação psicológica forense nos quais os SNV podem constituir um aspeto essencial, pois “em muitas situações os indivíduos aplicam o seu conhecimento explícito sobre os sinais não-verbais nas decisões comportamentais” (Rosip & Hall, 2004, p. 279). Não obstante, será essencial em investigações futuras estudar a capacidade preditiva deste na capacidade de descodificar SNV, utilizando, por exemplo, instrumentos audiovisuais.

Relativamente à segunda questão de investigação, apesar do teste ter sido reduzido para 76 itens, os estudantes demonstraram possuir um conhecimento elevado, como verificado no estudo de Rosip e Hall (2004), no qual os estudantes de Psicologia acertaram em 77% das perguntas, os de Criminologia e Justiça Criminal responderam corretamente a 74% e, por fim, os de Direito acertaram em 71% das questões. Estes resultados sugerem que os estudantes da presente amostra possuem consideráveis conhecimentos sobre os SNV. É, todavia, de frisar que as pontuações obtidas apenas demonstram o conhecimento sobre os sinais e não a verdadeira capacidade de os identificar. É possível que uma das razões para este resultado radique no facto de a Psicologia ser uma ciência que “estuda os padrões comportamentais, os pensamentos, as ideias, além das reações emocionais e físicas do ser humano” (Meier-Faust, 2002, p. 1). Este tipo de estudo do ser humano pode levar a que os estudantes desta área possuam uma compreensão holística dos indivíduos dando importância a todos os aspetos que caracterizam o comportamento, e como abordado anteriormente, os SNV fazem parte do comportamento que é estudado em Psicologia. Deste modo, o plano curricular do curso de Psicologia prepara os seus estudantes para os diversos contextos que os psicólogos possam intervir (e.g. clínica, justiça, organizacional, educativa) e que necessitem de atentar nos SNV. Além disso, uma possível explicação para o facto de os estudantes de Criminologia e Justiça Criminal surgirem em segundo nas pontuações pode resultar no facto de estudarem também eles o comportamento humano, ainda que não de forma terapêutica e interventiva como em Psicologia. Por fim, alunos do curso de Direito pontuaram menos. Seguindo a lógica anterior, uma das possíveis razões poderá estar no plano curricular desta área, que se foca no estudo das leis e não no comportamento humano.

No que diz respeito à terceira questão, conclui-se que existe uma relação entre o conhecimento de SNV com a variável Empatia, com a dimensão Empatia Cognitiva e com a dimensão Compreensão das emoções dos outros. Deste modo, relativamente ao constructo Empatia e à sua dimensão Empatia Cognitiva, Hall e Bernieri (2001) afirmam que “um indivíduo que é altamente empático pela sua definição é capaz de descodificar os sinais não-verbais relacionados com sentimentos ou comportamentos dos outros e, assim, é preciso em prever os sentimentos ou comportamentos dos outros” (p. 22). Apesar

da capacidade de descodificar não ser idêntica ao conhecimento de SNV, o estudo de Rosip e Hall (2004) demonstrou que o conhecimento revelado a partir do TONCK é um preditor significativo da precisão de descodificação não-verbal. Deste modo, podemos inferir de forma análoga que uma maior empatia poderá indicar um maior conhecimento de SNV. Contudo, apesar dos constructos se relacionarem, a capacidade de predição do conhecimento dos SNV a partir destas duas variáveis (i.e., Empatia e Empatia Cognitiva) foi muito reduzida neste estudo, demonstrando que mesmo que os indivíduos sejam altamente empáticos não se poderá dizer que terão um maior conhecimento de SNV e, conseqüentemente, uma maior precisão em descodificá-los.

No que respeita à IE, o conhecimento de SNV apenas se relacionou com o fator Compreensão das emoções dos outros. Uma possível explicação para esta correlação resulta no facto desta dimensão abordar a mesma noção que a Empatia Cognitiva. No entanto, tanto a correlação como a capacidade de predição do conhecimento de SNV foram reduzidas neste estudo. Ademais, a fraca correlação exibida neste estudo entre o conhecimento de SNV e a IE e as suas dimensões é corroborada pela investigação de Fernández-Abascal e Martín-Díaz (2019), que explorou as relações entre dimensões da IE, aspetos específicos da Empatia e a sensibilidade não-verbal, indicando que foram poucas as dimensões da IE que predizem a sensibilidade não-verbal (i.e. “a habilidade dos indivíduos de lerem e descodificarem sinais não-verbais nos outros, e mais importante, a habilidade de corretamente interpretar o significado desses sinais” (Riggio & Darioly, 2016, p. 589). Uma possível explicação geral para a associação destas três variáveis (i.e. Empatia, Empatia Cognitiva e Compreensão das emoções dos outros) pode assentar na definição de cada conceito, dado que, para compreender os estados emocionais das outras pessoas, é necessário ter em atenção diversos fatores, sendo um destes os SNV, visto que estes transmitem uma vasta informação sobre os estados emocionais, cognitivos e atitudinais (Hall et al., 2019).

Referente à quarta questão de investigação, apesar da literatura indicar que o sexo feminino costuma demonstrar um maior conhecimento de SNV, neste estudo não se verificaram diferenças significativas entre os sexos. Uma possível explicação para este resultado é apresentada por LaFrance e Vial (2016) que indicam que as diferenças entre sexos, na interpretação de SNV, são reduzidas pois os sinais podem ser ambíguos e não possuem um significado fixo. Neste estudo, os SNV foram apresentados através de afirmações, no qual algumas das quais fomentam a imaginação e, não tendo sido apresentado um cenário hipotético, os participantes “inserir-se” em contextos distintos, permitindo que se crie essa ambigüidade.

## Contributos e Limitações

O presente estudo acrescenta ao pequeno número de investigações novos considerandos sobre o conhecimento de SNV, IE e Empatia. Ademais, tanto quanto sabemos, esta investigação é a primeira a explorar, simultaneamente, as diferenças entre o conhecimento de SNV dos estudantes de Psicologia, de Criminologia e Justiça Criminal, e de Direito, a associação entre este conhecimento, IE e Empatia, e as diferenças entre sexos no conhecimento de SNV. Como visto anteriormente, os SNV podem influenciar a comunicação de diversas formas e os indivíduos utilizam-nos para “se autoapresentarem e para uma variedade de propósitos, em que alguns podem ser desonestos” (Knapp et al., 2014, p. 64). Knapp et al. (2014) demonstraram a preocupação com o estigma existente de que a CMNV e os SNV são inconscientes e, por isso, são “reflexões sinceras de sentimentos ou intenções” (p. 64), deixando as pessoas mais suscetíveis a serem manipuladas. Na área de Psicologia e, nomeadamente na Psicologia Forense, as avaliações psicológicas forenses recorrem a entrevistas, no qual os indivíduos emitem a sua perspetiva do processo em questão, sendo que podem utilizar os SNV como uma estratégia para transpor uma imagem deturpada das suas reais intenções. Deste modo, através destes resultados, salienta-se a importância da abordagem desta temática nos planos curriculares de Psicologia, de Criminologia e Justiça Criminal, e de Direito pois a consciencialização dos SNV e a compreensão de que os indivíduos têm a capacidade de, voluntariamente, produzirem sinais que alteram a sua real intenção constitui o ponto de partida para que os referidos estudantes disponham de uma maior capacidade para identificar possíveis simulações e/ou dissimulações.

Contudo, sendo esta uma das primeiras investigações a explorar estas questões, estão presentes algumas limitações. Primeiramente, os dados foram recolhidos segundo uma amostra não probabilística de conveniência e em cursos específicos, fazendo com que a dimensão da amostra seja reduzida, não permitindo generalizar os dados para a população universitária. Assim, seria importante, em investigações futuras, recolher uma amostra que possibilite a generalização dos resultados para a população em estudo. Além disso, o facto de a amostra ser predominantemente constituída por elementos do sexo feminino, na medida em que os cursos seleccionados têm uma maior prevalência de indivíduos deste sexo, resulta também numa limitação. Assim, é importante que estudos futuros consigam obter uma amostra homogénea para que os resultados possam permitir uma comparação mais igualitária entre os sexos. Outra limitação observada foi o número de participantes de curso por ano escolar. Apesar da amostra total de estudantes ser semelhante, o curso de Psicologia, por exemplo, é constituído exclusivamente por alunos do 4º ano, fazendo com que os resultados para os instrumentos

apresentados sejam específicos desse ano e não do curso de Psicologia no geral. Deste modo, futuras investigações deveriam procurar recolher uma amostra idêntica de participantes dos diversos anos curriculares de cada curso. Por fim, a utilização de questionários de autorrelato pode ser considerada uma limitação. Deste modo, podem existir indivíduos que apresentem respostas nas quais se consideram mais socialmente aceitáveis com o intuito de expor uma imagem mais favorável. Apesar da impossibilidade de controlar a desejabilidade social em questionários de autorrelato, futuras investigações deverão ter em conta esta vertente.

### Referências

- American Psychological Association. (2015). *APA dictionary of psychology* (2.ª ed.). American Psychological Association.
- Andrei, F., Siegling, A. B., Aloe, Baldaro, P., & Petrides, K. V. (2015). The incremental validity of the trait emotional intelligence questionnaire (TEIQue): A systematic review and meta-analysis. *Journal of Personality Assessment, 98*(3), 261–276.  
<https://doi.org/10.1080/00223891.2015.1084630>
- Austin, E. J., Evans, P., Magnus, B., & O’Hanlon, K. (2007). A preliminary study of empathy, emotional intelligence and examination performance in MBChB students. *Medical Education, 41*(7), 684–689. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2923.2007.02795.x>
- Beattie, G., & Ellis, A. W. (2017). *The psychology of language and communication*. Routledge.
- Burgoon, J. K., Guerrero, L. K., & Floyd, K. (2016). *Nonverbal communication*. Pearson Education.
- Cabello, R., Sorrel, M. A., Fernández-Pinto, I., Extremera, N., & Fernández-Berrocal, P. (2016). Age and gender differences in ability emotional intelligence in adults: A cross-sectional study. *Developmental Psychology, 52*(9), 1486–1492. <http://doi.org/10.1037/dev0000191>
- Davis, S. K., Morningstar, M., Dirks, M. A., & Qualter, P. (2020). Ability emotional intelligence: What about recognition of emotion in voices? *Personality and Individual Differences, 160*.  
<https://doi.org/10.1016/j.paid.2020.109938>
- Fernández-Abascal, E. G., & Martín-Díaz, M. D. (2019). Relations between dimensions of emotional intelligence, specific aspects of empathy, and non-verbal sensitivity. *Frontiers in Psychology, 10*. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.01066>
- Field, A. (2018). *Discovering statistics using IBM SPSS statistics* (5.ª ed.). SAGE Publications.
- Gamble, T. K., & Gamble, M. W. (2017). *Nonverbal messages tell more: A practical guide to nonverbal communication*. Routledge.
- Givens, D. B. (2020). Nonverbal steps to the origin of language. In R. J. Sternberg & A. Kostić (Eds.), *Social intelligence and nonverbal communication* (pp. 163-191). Palgrave Macmillan.
- Hall, J. A., & Bernieri, F. J. (2001). *Interpersonal sensitivity: Theory and measurement*. Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Hall, J. A., Horgan, T. G., & Murphy, N. A. (2019). Nonverbal communication. *Annual Review of Psychology, 70*(1), 271–294. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-010418-103145>
- Hall, J. A., & Knapp, M. L. (Eds.). (2013). *Nonverbal communication* (Vol. 2). De Gruyter Mouton.

- Hays, R. D., Hayashi, T., & Stewart, A. L. (1989). A five-item measure of socially desirable response set. *Educational and Psychological Measurement, 49*(3), 629–636.  
<https://doi.org/10.1177/001316448904900315>
- Hojat, M. (2016). Empathy and gender: Are men and women complementary or opposite sexes? In M. Hojat (Eds.), *Empathy in health professions education and patient care* (pp. 169-187). Springer International Publishing. <https://doi.org/10.1007/978-3-319-27625-0>
- Ickes, W. (2016). Empathic accuracy: Judging thoughts and feelings. In J. A. Hall, M. S. Mast, & T. V. West (Eds.), *The social psychology of perceiving others accurately* (pp. 52-70). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9781316181959>
- Jacob, H., Kreifelts, B., Brück, C., Nizielski, S., Schütz, A., & Wildgruber, D. (2013). Nonverbal signals speak up: Association between perceptual nonverbal dominance and emotional intelligence. *Cognition & Emotion, 27*(5), 783–799. <http://doi.org/10.1080/02699931.2012.739999>
- Joseph, D. L., & Newman, D. A. (2010). Emotional intelligence: An integrative meta-analysis and cascading model. *Journal of Applied Psychology, 95*(1), 54–78.  
<https://doi.org/10.1037/a0017286>
- Kidwell, B., & Hasford, J. (2014). Emotional ability and nonverbal communication. *Psychology & Marketing, 31*(7), 526–538. <https://doi.org/10.1002/mar.20714>
- Knapp, M. L., Hall, J. A., & Horgan, T. G. (2014). *Nonverbal communication in human interaction* (8.<sup>a</sup> ed.). Wadsworth/Cengage Learning.
- LaFrance, M., & Vial, A. C. (2016). Gender and nonverbal behavior. In D. R. Matsumoto, H. S. Hwang, & M. G. Frank (Eds.), *APA handbook of nonverbal communication* (pp. 139-162). American Psychological Association.
- Lorié, Á., Reinerio, D. A., Phillips, M., Zhang, L., & Riess, H. (2017). Culture and nonverbal expressions of empathy in clinical settings: A systematic review. *Patient Education and Counseling, 100*(3), 411–424. <http://doi.org/doi:10.1016/j.pec.2016.09.018>
- Losoya, S. H., & Eisenberg, N. (2001). Affective empathy. In J. A. Hall & F. J. Bernieri (Eds), *Interpersonal sensitivity: Theory and measurement* (pp. 21–47). Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Manusov, V. (2016). A history of research on nonverbal communication: Our divergent pasts and their contemporary legacies. In D. R. Matsumoto, H. S. Hwang, & M. G. Frank (Eds.), *APA handbook of nonverbal communication* (pp. 3-16). American Psychological Association.
- Marôco, J. (2018). *Análise estatística com o SPSS statistics* (7.<sup>a</sup> ed.). ReportNumber.

- Meier-Faust, T. (2002). *The importance non-verbal communication in diagnostic assessment in the traffic psychological exploration*.  
<http://psydok.psycharchives.de/jspui/handle/20.500.11780/3470>
- Olderbak, S., & Wilhelm, O. (2017). Emotion perception and empathy: An individual differences test of relations. *Emotion, 17*(7), 1092–1106. <https://doi.org/10.1037/emo0000308>
- Pallant, J. (2016). *SPSS survival manual: A step by step guide to data analysis using SPSS* (6.ª ed.). Open University Press : McGraw-Hill.
- Pechorro, P., Gonçalves, R. A., Jesus, S. N., Kahn, R. E., & Barroso, R. (2018). The short version of the basic empathy scale among a school sample of portuguese youths: Validity, reliability and invariance. *Revista Iberoamericana de Diagnostico y Evaluacion Psicologica, 4*(49), 157–169. <https://doi.org/10.21865/RIDEP49.4.13>
- Pechorro, P., Nunes, C., Gonçalves, R., Jesus, S., & Simões, M. (2018). A escala de respostas socialmente desejáveis-5: Validação numa amostra escolar de jovens portugueses. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicologica, 52*(3), 1–22. <https://doi.org/10.21865/RIDEP52.3.02>
- Rego, A., & Fernandes, C. (2005). Inteligência emocional: Contributos adicionais para a validação de um instrumento de medida. *Psicologia, 19*(1–2), 139–167.
- Riggio, R. E., & Darioly, A. (2016). Measuring nonverbal sensitivity. In D. R. Matsumoto, H. S. Hwang, & M. G. Frank (Eds.), *APA handbook of nonverbal communication* (pp. 589-606). American Psychological Association.
- Riggio, R. E., & Riggio, H. R. (2001). Self-report measurement of interpersonal sensitivity. In J. A. Hall & F. J. Bernieri (Eds.), *Interpersonal sensitivity: Theory and measurement* (pp. 127–142). Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Rosip, J. C., & Hall, J. A. (2004). Knowledge of nonverbal cues, gender, and nonverbal decoding accuracy. *Journal of Nonverbal Behavior, 28*(4), 267–286. <https://doi.org/10.1007/s10919-004-4159-6>
- Salas-Wright, C. P., Olate, R., & Vaughn, M. G. (2013). Assessing empathy in Salvadoran high-risk and gang-involved adolescents and young adults: A spanish validation of the basic empathy scale. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology, 57*(11), 1393–1416. <https://doi.org/10.1177/0306624X12455170>



- Sporer, S. L., & Schwandt, B. (2007). Moderators of nonverbal indicators of deception: A meta-analytic synthesis. *Psychology, Public Policy, and Law*, *13*(1), 1–34. <http://doi.org/10.1037/1076-8971.13.1.1>
- Sternberg, R. J., & Kostić, A. (Eds.). (2020). *Social intelligence and nonverbal communication*. Palgrave Macmillan. <https://doi.org/10.1007/978-3-030-34964-6>
- Sternberg, R. J., & Li, A. S. (2020). Social Intelligence: What it is and why we need it more than ever before. In R. J. Sternberg & A. Kostić (Eds.), *Social intelligence and nonverbal communication* (pp. 1-20). Palgrave Macmillan.

## Apêndice



Universidade do Minho

Conselho de Ética

### Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas

Identificação do documento: CEICSH 099/2019

Relatores: Emanuel Pedro Viana Barbas Albuquerque e Marlene Alexandra Veloso Matos

Título do projeto: *Conhecimento de sinais não-verbais, inteligência emocional, empatia e cognições criminógenas: Estudo exploratório*

Equipa de Investigação: João Abreu da Costa, estudante do Mestrado Integrado em Psicologia Aplicada, Escola de Psicologia, Universidade do Minho; Doutora Olga Cecília Soares da Cunha (orientadora), Escola de Psicologia, Universidade do Minho; Professor Doutor Rui Abrunhosa Gonçalves (coorientador), Escola de Psicologia, Universidade do Minho

## PARECER

A Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) analisou o processo relativo ao projeto de investigação acima identificado, intitulado *Conhecimento de sinais não-verbais, inteligência emocional, empatia e cognições criminógenas: Estudo exploratório*.

Os documentos apresentados revelam que o projeto obedece aos requisitos exigidos para as boas práticas na investigação com humanos, em conformidade com as normas nacionais e internacionais que regulam a investigação em Ciências Sociais e Humanas.

Face ao exposto, a Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) nada tem a opor à realização do projeto, emitindo o seu parecer favorável, que foi aprovado por unanimidade pelos seus membros.

Braga, 4 de fevereiro de 2020.

O Presidente da CEICSH

Assinado por : ACÍLIO DA SILVA ESTANQUEIRO  
ROCHA  
Num. de Identificação: BI042754054  
Data: 2020.02.13 12:25:48+00'00'

